

VARIAÇÃO E MUDANÇA DOS USOS DOS VERBOS LEVES *DAR*, *FAZER*, *TER* E *TOMAR*: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL-CONSTRUCIONISTA

VARIATION AND CHANGE IN THE USES OF THE LIGHT VERBS *DAR*, *FAZER*, *TER* AND *TOMAR*: A FUNCTIONAL-CONSTRUCTIONIST APPROACH

Maria Angélica Furtado da Cunha | [Lattes](#) | angefurtado@gmail.com

UFRN | UFF | CNPq

Resumo: Este artigo tem como objeto de análise a construção formada com os verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar* + SN. O objetivo principal é investigar os processos de variação e mudança por que passam esses verbos e seus colocados em duas sincronias – séculos XVIII e XX – com base em instâncias reais de gramática em uso. O modelo teórico adotado é a Linguística Funcional Centrada no Uso, com contribuições da Gramática de Construções (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Oliveira; Rosário, 2016). Este estudo assume a hipótese de que orações com esses verbos são usadas para satisfazer demandas comunicativas e cognitivas bem recortadas, discursivamente motivadas. A metodologia de análise é qualiquantitativa (Cunha Lacerda, 2016). Os dados do século XX têm como fonte diferentes *corpora* que compreendem situações de fala e escrita; e a pesquisa diacrônica utiliza, como universo de investigação, o *corpus* do projeto Tycho Brahe. Os resultados obtidos comprovam que, na sincronia mais recente, as combinações [Verbo_{LEVE} + SN] são recorrentes no uso discursivo da língua, formando uma unidade de pareamento forma-função – uma construção – relativamente rígida em termos posicionais e lexicais. Os dados coletados possibilitaram a constatação de que essas combinações apresentam variação dentro de cada sincronia e entre as sincronias observadas. Sob o viés diacrônico, passaram por mudança em termos de colocados e da ordenação dos SN que coocorrem com os verbos leves.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; Gramática de Construções; Verbos leves; Colocados.

Abstract: This paper analyzes the construction formed with the light verbs *dar* (give), *fazer* (make), *ter* (have) and *tomar* (take) + NP. The main goal is to investigate the processes of variation and change undergone by these verbs and their collocates in two syn-

chronies – the 18th and 20th centuries – based on real instances of grammar in use. The theoretical framework adopted is Usage-Based Functional Linguistics, with contributions from Construction Grammar (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Oliveira; Rosário, 2016). This study assumes the hypothesis that clauses with these verbs are used to satisfy well-defined, discursively motivated communicative and cognitive demands. The analysis methodology is qualitative-quantitative (Cunha Lacerda, 2016). The data from the XX century are sourced from different corpora comprising speech and writing situations, and the diachronic investigation uses the corpus of the Tycho Brahe project as its research universe. The results obtained show that, in the most recent synchrony, the combinations [Light Verb + NP] are recurrent in the discursive use of the language, forming a form-function pairing unit – a construction – which is relatively rigid in positional and lexical terms. The data collected made it possible to see that these combinations vary within each synchrony and between the synchronies observed. From a diachronic point of view, they have undergone changes in terms of the placement and ordering of the NP that co-occurs with the light verbs.

Keywords: Usage-based Functional Linguistics; Constructional approach; Light verbs; Collocates.

1. Introdução

Os verbos leves têm sido foco de atenção de muitos estudiosos da língua ao longo do tempo. Na literatura linguística, esses verbos recebem diversas designações, como *verbos-suporte*, *verbos leves*, *verbos funcionais*, *verbos gerais*, *verbos operadores*, *verboides*, *verbalizadores*. Jespersen (1940) é geralmente reconhecido como um dos primeiros linguistas a estudar esses verbos no inglês, denominando-os *light verbs*. Contudo, a *Grammatica da língua portuguesa*, de João de Barros (1540), já apontava indícios da existência de alguns verbos que funcionavam como verbo-suporte.

Em se tratando do português, Neves (1996, p. 202) é um dos primeiros trabalhos sobre as construções¹ com verbo-suporte sob a ótica do Funcionalismo, ressaltando que o estudo dessas construções “deve integrar a investigação das predicções da língua.” Mais tarde, em sua *Gramática de usos do português* (Neves, 2000), retoma e amplia o estudo, caracterizando os tipos semânticos de verbos e as funções dessas construções. Segundo a autora, os verbos-suporte são “verbos de significado bastante esvaziado que formam,

¹ Neves (1996, 2000) faz um uso ateórico, genérico, do termo “construção”, sem vinculação à Gramática de Construções.

com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem outro verbo da língua” (Neves, 2000, p. 53).

Gramáticas descritivas do português – Castilho (2010) e Bagno (2011), entre outras – tendem a reafirmar o que diz Neves (1996; 2000). Para Castilho (2010, p. 392), o verbo-suporte é “um verbo fortemente preso a um substantivo, constituindo-se um sintagma verbal complexo.” O substantivo que o acompanha se caracteriza por baixa referencialidade, não é “antecedido de especificadores e não funciona como argumento interno do verbo” (p. 410). Seguindo Neves (1996), Castilho (2010) aponta que o verbo-suporte “supre certas faltas no léxico”, quando não é possível substituí-lo por um sinônimo, a exemplo de *fazer ginástica* vs. **ginastigar*. Bagno (2011, p. 635) retoma Neves (2000) e afirma que os verbos-suporte mais frequentes no Português do Brasil são *dar*, *fazer*, *guardar*, *levar*, *manter*, *pegar*, *soltar*, *ter* e *tomar*. Acrescenta, ainda, que “é praticamente impossível enumerar combinações permitidas por esses verbos.” Considerando casos em que não se pode equiparar a construção verbo-suporte + SN com verbos equivalentes, a exemplo de *tomar banho* e *banhar-se*, admite que essa construção “serve para preencher lacunas no léxico da língua.” Mais adiante, ao abordar a função dos verbos-suporte, cita Ilari e Basso (2008), que questionam a razão de existirem, na língua, formas diferentes que expressam conteúdo semântico similar. Ratificando Ilari e Basso, Bagno (2011) aponta que as construções com verbo-suporte “se justificam pela versatilidade sintática e discursiva que oferecem” (p. 637).

Neste artigo, a análise da construção com os verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar*, a exemplo de *dar licença*, *fazer compra*, *ter dúvida* e *tomar conta*, segue uma abordagem funcional-construcionista (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Oliveira; Rosário, 2016), com o objetivo de depreender os processos de variação e mudança que se dão com essa construção em termos das propriedades dos verbos leves e dos sintagmas nominais que com eles coocorrem². Examinou os lexemas mais frequentes (ou colocados, conforme Sardinha, 2004) com cada tipo de verbo a fim de depreender a formação de *chunks*, a exemplo de *dar conta*, *fazer compra*, *ter medo* e *tomar banho*. Essas unidades pré-fabricadas (Erman; Warren, 2000) resultam da combinação desses verbos com o SN que ocupa o *slot* (ou posição) do objeto direto na construção transitiva³.

Assumo a hipótese de que o aumento gradual da frequência de uso de *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar* leves + SN leva à regularização desse recurso gramatical e sua consequente convencionalização. As orações com esses blocos são usadas para satisfazer demandas

² Para uma discussão sobre *chunks* e ensino de língua, ver Bispo e Furtado da Cunha (2022).

³ Sobre a construção transitiva, ver Furtado da Cunha e Silva (2018).

comunicativas e cognitivas bem recortadas, discursivamente motivadas.

Para a investigação, recorro à metodologia de análise qualiquantitativa (Cunha Lacerda, 2016), com base em dados efetivos de uso.

O modelo teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Oliveira; Rosário, 2016), articulado a uma abordagem construcional da gramática (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]), fornece os meios adequados para a análise dos verbos leves. Como defendem funcionalistas e construcionalistas, todo uso que se faz da língua é motivado pela conceptualização do falante e pela perspectiva semântica adotada por ele para veicular informação.

O restante deste artigo está organizado como se segue: além desta introdução, a seção 2 discorre sobre o modelo teórico que fundamenta a análise; a seção 3 descreve os *corpora* da pesquisa; a seção 4 trata dos padrões estruturais sancionados pela construção; a seção 5 analisa os colocados e a formação de *chunks*; a seção 6 examina as motivações discursivo-pragmáticas responsáveis pelo uso do bloco $[V_{LEVE} + SN]$; e, finalmente, a última seção sumariza os resultados do estudo e levanta questões pertinentes a serem discutidas em trabalho futuro.

2. Modelo teórico

A vertente funcionalista denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)⁴ se fundamenta na proposição de que a gramática de qualquer língua resulta da regularização ou rotinização de estratégias discursivas recorrentes (Givón, 2012 [1979]; Bybee, 2016 [2010]). Nessa direção, a língua é entendida como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica, emergente (Du Bois, 1985; Hopper, 1987; Bybee, 2016 [2010]), em que coexistem padrões mais ou menos regulares e outros que surgem em virtude de necessidades cognitivas e/ou comunicativas (Givón, 2001; Bybee, 2016 [2010]).

O sistema linguístico tem, pois, uma natureza eminentemente dinâmica, já que surge da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de comunicação específicos e se desenvolve com base na repetição ou ritualização desses eventos. Nesse sentido, pode-se falar em variação e gradiência dos elementos linguísticos: num viés sincrônico, o uso constante da língua pelos falantes cria variação; numa perspectiva diacrônica, a gradiência envolvida na variação pode levar à mudança, que implica gradualidade. A gradiência refere-se ao fato de que muitas categorias da língua (e da gramática) não podem

⁴ A Linguística Funcional Centrada no Uso aproxima-se, em termos teóricos, metodológicos e epistemológicos do que Bybee (2016 [2010], 2015) denomina *Usage-based Linguistics*.

ser facilmente distinguidas devido à variação que há entre unidades de uma mesma categoria (em diferentes níveis) e em função da mudança que ocorre ao longo do tempo, de modo gradual, movendo um elemento em um contínuo de uma categoria à outra.

O uso da língua é central para essa abordagem, que relaciona textos e enunciados às funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que eles desempenham na comunicação, as quais influenciam a organização do sistema linguístico, orientando a escolha e a ordenação dos elementos da língua. A LFCU considera, no estudo do surgimento, variação e mudança das construções, motivações comunicativas e cognitivas, uma vez que postula uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de interação social.

Com a incorporação de uma perspectiva construcional à LFCU, a gramática de qualquer língua passa a ser concebida como uma rede de signos inter-relacionados, um conjunto de construções, entendidas como pareamentos de forma-função (Goldberg, 1995). As construções são armazenadas na mente do falante com base em enunciados reais, por meio do processo de categorização de instâncias que ocorrem frequentemente no uso interacional da língua. A interpretação de que a gramática é composta por construções (Goldberg, 2006) acarreta o entendimento de que a relação entre forma e função é básica e inerente a toda descrição gramatical (Östman; Fried, 2005).

A rede construcional compreende quatro níveis de abstração: esquema, subesquema, microconstrução e construto (Traugott; Trousdale, 2021[2013]). O esquema possui uma natureza altamente abstrata, abrangendo as construções mais genéricas da rede, estruturas complexas com diversas possibilidades de preenchimento das suas posições (*slots*). Os subesquemas envolvem o conjunto de similaridades observável entre construções individuais diversas. As microconstruções compreendem as construções individuais propriamente ditas, que já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua. Por fim, os construtos consistem em ocorrências atestadas empiricamente, caracterizando-se como sendo o *locus* da mudança. Relacionam-se à frequência *token*, ou seja, o número de ocorrências de determinada construção. Por sua vez, o nível do esquema, do(s) subesquema(s) e da(s) microconstrução(ões) está relacionado à frequência *type* – número de expressões possíveis para uma determinada categoria (Bybee, 2011).

Para a LFCU, a variação pode ser entendida como competição entre formas (Haiman, 1983; Du Bois, 1985; Givón, 1995). O modelo das motivações competidoras é um vasto campo de pesquisa, teórica e empírica, que fornece suporte para as propostas de variação e mudança linguística. Nessa linha, a variação não é um processo unidirecio-

nal rumo a um estado final, mas antes uma constante e dinâmica tentativa para manter o equilíbrio entre simplificação (economia) e transparência (iconicidade). Vale ressaltar que a competição pelo uso é contemplada pelo princípio de camadas (Hopper, 1991), que trata da coexistência de formas linguísticas diferentes que concorrem pelo uso devido à proximidade de significado.

O modelo clássico da Linguística Funcional norte-americana aborda o fenômeno de mudança linguística sob o prisma da gramaticalização. A LFCU, de viés construcionista, seguindo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), reconhece dois tipos de mudança: (a) mudança construcional, que afeta uma dimensão interna de uma construção (em sua forma ou em seu conteúdo), sem, contudo, envolver a criação de um novo nó na rede. A mutação ocorrida pode levar à convivência de variantes da mesma construção; (b) construcionalização, que é a criação de um novo pareamento forma-função – ou seja, de uma nova construção –, instaurando-se um novo nó na rede.

Para tratar da mudança linguística com base na noção de rede construcional, Traugott e Trousdale (2021[2013]) apontam três propriedades da construção que estão envolvidas em vários estágios do processo de mudança: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade envolve *slots* e o preenchimento deles por uma variedade de palavras e sintagmas. Esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções percebidas pelos usuários da língua como estreitamente relacionadas na rede construcional. A produtividade refere-se ao grau em que o esquema sanciona outras construções mais especificadas. Essa propriedade está estreitamente relacionada à noção de (sub)esquema: um (sub)esquema é considerado altamente produtivo quando sanciona um número considerável de padrões microconstrucionais, o que se pode comprovar pela frequência *type*. Por fim, a composicionalidade diz respeito ao âmbito em que o elo entre forma e significado é transparente, sendo considerada em termos da convergência ou divergência entre aspectos da forma e aspectos do significado.

Em qualquer nível de organização da língua, a repetição de cadeias de elementos leva à formação de *chunks* na representação cognitiva. O *chunking* é um processo cognitivo de domínio geral que, no âmbito linguístico, se refere à formação e à fixação de estruturas complexas compostas por elementos que constantemente coocorrem (Bybee, 2016 [2010]). Tais estruturas equivalem a construções e expressões formulaicas que, em termos cognitivos, resultam em uma unidade simples, a qual pode ser armazenada e acessada como um bloco, tal o nível de integração entre seus elementos constituintes. Essas unidades são denominadas *chunks* (Furtado da Cunha, 2022). Logo, o processo de

chunking envolve as atividades de produção e de decodificação da mensagem.

O resultado da associação entre um verbo leve e um SN⁵ é denominado, na literatura, predicador complexo. Dessa associação resulta uma unidade composta que funciona como núcleo do sintagma verbal em orações simples (*dar proteção, fazer comentário, ter conhecimento, tomar providência* etc.). O verbo se distancia do seu sentido referencial e, dessa forma, não seleciona sozinho os argumentos que constituem a oração em que ele ocorre, embora seja portador das categorias de pessoa, tempo e modo via flexão. Em contrapartida, o SN perde seu *status* de argumento e, portanto, não é pronominalizável. Nesses casos, a predicação pode ser indicada pelo núcleo do SN, como em *dar proteção* (= *proteger*), ou mesmo ser apreendida holisticamente, como em *dar conta* (= *ser capaz, conseguir*).

As representações de uma dada categoria, aqui, especificamente, a construção com verbos leves, por um feixe de exemplares resultam do uso frequente dessa categoria, ao mesmo tempo em que permitem, na sincronia, a gradiência de estruturas e, na diacronia, a gradualidade da mudança (Bybee, 2016 [2010]). No empacotamento de *chunks*, verifica-se a atuação do princípio de iconicidade (Givón, 1984), visto que, quanto mais próximos estão os conteúdos no nível da cognição, mais integrados na codificação. Nesse viés, as construções linguísticas são esquemas cognitivos que implicam procedimentos em grande parte rotinizados a fim de que os usuários alcancem os seus propósitos comunicativos. Isso significa que as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua.

A respeito do processo de fixação de um *chunk* na língua, Bybee (2016 [2010], p. 147) afirma que o uso convencionalizado de “formas linguísticas reflete situações convencionalizadas a que as pessoas se referem frequentemente”. Por sua vez, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) acentuam que a produtividade de uma construção está relacionada ao aumento de *collocates*, os quais são considerados um modo particular de agrupamento de palavras que coocorrem em um determinado contexto com significado particular.

Em se tratando da construção [Verbo_{LEVE} + SN], o foco está na análise dos nomes que preenchem o *slot* do SN em combinação com os verbos leves *dar, fazer, ter* e *tomar*, formando *collocations*. Conforme Croft e Cruse (2004), *collocations* são combinações de palavras que são preferidas a outras combinações que parecem semanticamente equivalentes. Quando essas combinações são idiomáticas, elas são não composicionais,

⁵ Outros itens linguísticos diferentes do SN podem ocorrer com verbos leves e formar predicadores complexos, como *dar certo* e *dar ruim* (Machado Vieira, 2010). Aqui, o foco é a construção [V_{LEVE} + SN].

em razão de o significado do todo não corresponder à soma do significado das partes, a exemplo de *mexer os pauzinhos* (= *usar de influência para favorecer algo ou alguém*). Na mesma linha, Sardinha (2004) denomina as coocorrências de itens lexicais de *colocados*, palavras que são usadas com frequência significativa uma ao lado da outra, como por exemplo *dar conta, fazer exercício, ter jeito, tomar cuidado*.

Como veremos adiante, as ocorrências com os verbos leves *dar, fazer, ter* e *tomar* evidenciam diferentes possibilidades de configuração sintática, correspondentes a realizações estruturais variantes de uma mesma construção que é parcialmente não especificada, também denominadas aloconstruções (Cappelle, 2006). As aloconstruções são variantes gramaticais sincrônicas (Perek, 2015) de uma mesma construção que expressam conteúdo proposicional semelhante, mas diferem quanto a aspectos cognitivos, pragmáticos e morfossintáticos.

3. Descrição dos dados

Os dados das duas últimas décadas do século XX foram extraídos dos seguintes *corpora*: um *corpus* oral compilado com base em entrevistas retiradas de três diferentes bancos de dados, cada um com 300.000 palavras: Projeto Mineirês (<http://www.letas.ufmg.br/mineires>), Projeto PEUL (<http://www.letas.ufrj.br/peul/amostras%201.html>) e Projeto NURC (<http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj>), e um *corpus* escrito, CHAVE, que contém textos jornalísticos (<https://www.linguateca.pt/CHAVE>). A pesquisa diacrônica utilizou o *corpus* do projeto Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>). Note-se que o volume textual sob análise é o mesmo para os dois séculos. O Quadro 1 sintetiza as informações sobre esses *corpora*.

Quadro 1 – Informações sobre os corpora

Século	Corpus	Modalidade	Gênero	Nº de palavras
XVIII	Tycho Brahe	Escrita	Tese, carta, texto teatral, romance, folheto e poema	600 mil
XX	PEUL, NURC e Mineirês	Oral	Entrevistas	600 mil
	CHAVE	Escrita	Artigo, coluna, carta do leitor, reportagem, editorial, entrevista e notícia	

Fonte: elaboração própria

No banco de dados dos dois séculos, foram coletadas orações cujos verbos leves são acompanhados por SN Objeto Direto (OD) e/ou Objeto Indireto (OI), codificado por SPrep ou SN pronominal. Embora os *corpora* sejam comparáveis em termos do número de palavras, foram obtidas mais ocorrências no século XVIII do que no século XX, à exceção do verbo *tomar*, cujo total de construtos é ligeiramente maior no século XX. Naturalmente, esse resultado pode estar relacionado aos gêneros discursivos de cada *corpus* e ao fato de esses gêneros representarem o *continuum* fala-escrita em contextos diversos de interlocução. A Tabela 1 exibe o quantitativo de ocorrências para cada verbo por período.

Tabela 1 – Quantitativo de dados por século

Século	Dar	Fazer	Ter	Tomar	Total
XVIII	477 (61%)	363 (58%)	202 (63%)	81 (48%)	1123 (59%)
XX	310 (39%)	265 (42%)	118 (37%)	89 (52%)	782 (41%)
Total	787 (100%)	628 (100%)	320 (100%)	170 (100%)	1905 (100%)

Fonte: elaboração própria

Em termos metodológicos, para a análise utilizo o procedimento quali-quantitativa (Cunha Lacerda, 2016). Procedo, portanto, a uma descrição formal-funcional desse padrão construcional, observando o comportamento de suas instanciações ao longo das sincronias especificadas, atentando para os processos de variação e mudança linguística e para a frequência de ocorrências (frequência de *types* e de *tokens*). Para aferir tendências, conferindo maior suporte à análise, recorro também à quantificação de dados. A abordagem qualitativa amparada pela quantificação é amplamente defendida e adotada no âmbito da LFCU.

4. Padrões estruturais

A análise empreendida indica que os construtos formados pelos verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar* em textos dos séculos XVIII e XX podem ser codificados por um conjunto limitado de padrões estruturais, a depender do grau de integração entre o verbo e seus complementos. Desse modo, é possível encontrar orações com dois (Sujeito e Objeto Direto) ou três participantes (Sujeito, Objeto Direto e Objeto Indireto), como nas amostras seguintes:

- (1) Você quer um time *que dê espetáculo* ou uma equipe guerreira, que só jogue pelo resultado? (PEUL)

- (2) O cenário mais provável neste início de 1994 é o seguinte: o Congresso vai aprovar algum ajuste fiscal (corte de gastos e aumento de impostos), dando ao ministro Fernando Henrique Cardoso a possibilidade de pelo menos continuar lutando pelo déficit zero. (CHAVE)
- (3) Quando eu saí do Oratório, achei o Arcebispo como um doido, dando uns sinais de alegria tão imprudentes como inesperados. (Tycho Brahe)
- (4) Dê-me sempre m.tas ocasiões de lhe mostrar a alta estima e consideração com q. sou de V. Exa. M.to fiel afectuoso. (Tycho Brahe)

Em (1) e (3), o verbo *dar* apresenta sujeito (*que = time* e $\emptyset = o$ Arcebispo) e objeto direto (*espetáculo* e *uns sinais de alegria*), ao passo que em (2) e (4) esse verbo tem três participantes: sujeito ($\emptyset = o$ Congresso e $\emptyset = V.$ Exa.), objeto direto (*a possibilidade* e *m.tas ocasiões*) e objeto indireto (*ministro Fernando Henrique Cardoso* e *me*). Com relação à probabilidade de codificação biargumental ou triargumental de *dar* leve, alguns pontos merecem consideração. De fato, em termos semânticos, o verbo leve, assim identificado porque se distancia do seu significado básico, referencial, constitui, com o SN que ocupa o *slot* do objeto direto, um bloco semântico-sintático indivisível. Dito de outro modo, o V_{LEVE} não expressa uma ideia independente do nome que o segue, o qual, por esse motivo, não funciona como OD prototípico desse verbo, isto é, não é seu argumento interno. Em contrapartida, esse SN atua como o núcleo do predicado (Chafe, 1994; Basílio, 2007; Castilho, 2010). Não obstante, para facilidade de expressão, neste texto refiro-me a esse elemento como “objeto direto” (“OD”). No que diz respeito à presença ou não de OI, esta depende da carga semântica de *dar* leve, de forma que quanto mais próximo tal verbo está do seu sentido mais básico, maior a possibilidade de ocorrência do argumento recipiente. Convém ressaltar que, embora afastado do seu sentido original, o verbo leve conserva traços semânticos de transferência, daí a possibilidade de codificação triargumental. Note-se que, tanto em (2) como em (4), o OI antecede o OD, ordenação preferida quando os verbos de transferência, cujo protótipo é *dar*, são usados em seu sentido básico (Furtado da Cunha, 2017). Considerando esses casos, é possível dizer que há graus de “leveza” do verbo leve, refletidos na cristalização ou não do *chunk*. Nesse sentido, observa-se correspondência formal e funcional: maior afastamento entre verbo e OD representa maior fluidez ou menor compactação do bloco $V_{LEVE} + SN$.

Quanto ao *slot* dos elementos ($SN_{SUJEITO}$, $SN_{OBJETO DIRETO}$ e/ou $SN_{PRO}/SPrep_{OBJETO INDIRETO}$) que coocorrem com o verbo leve, os dados apontam que também há variadas possibilidades de configuração, tanto nos construtos do século XVIII quanto nos do século XX, como se vê a seguir:

- (5) Quando nos vem da mão daqueles que juram ódio aos Reis, é sempre suspeitosa, e por isso se não devia abandonar a medida que se propõe, e ficarmos por aí seguros de que *nos não façam guerra* daqui a dois dias. (Tycho Brahe)
- (6) Filosofamos sôbre as vicissitudes das cousas humanas, encarrego-lhe a inspecção do meu jantar e *faço-lhe confidências de cousas* que quero que diga, mas de que lhe peço sumo segrêdo. (Tycho Brahe)
- (7) Quer V. S. responder à proposta do C. de P... e determina *lhe faça eu a cópia da resposta*. (Tycho Brahe)
- (8) Recommende-me ao Duque; e *faça meus respeitos à Sr.a Duqueza* que seriam, se ella de licença, muitas e verdadeiras saudades por que realmente as terei. (Tycho Brahe)

Nas ocorrências de (5) a (8), verificam-se diferenças na ordenação dos participantes “objeto direto” e objeto indireto. Em (5), o OI pronominal (*nos*) precede o V_{LEVE} que é seguido pelo “OD” (*guerra*). Em (6), o OI clítico (*lhe*) vem depois do V_{LEVE} que é acompanhado pelo “OD” (*confidências de cousas*). Em (7), a ordenação é $OI_{PRO} V_{LEVE}$ Sujeito “OD” (*a cópia da resposta*), enquanto em (8) temos V_{LEVE} “OD” (*meus respeitos*) e OI codificado como SPrep (*à Sr.a Duqueza*). Contudo, nas amostras do século XX, o “OD” tende fortemente a seguir o V_{LEVE} , a despeito de qual seja o verbo, o que aponta para a fixação e conseqüente convencionalização do *chunk*, confirmando a hipótese de mudança linguística. No que diz respeito ao OI, sua codificação é variável, podendo este ser um clítico, como em (4), (5), (6), (7) e (9) ou um SPrep, como em (2), (8) e (10), nas duas sincronias examinadas:

- (9) Engraçado *você me fazer essa pergunta*, porque outro dia mesmo eu perguntei ao Arnaldo: Arnaldo, onde é que nós fazíamos as nossas compras? (NURC)
- (10) *Ela tá fazendo um favor [pra] ... pra gente*, entendeu? (Mineirês)

Nos dados do século XVIII constata-se, portanto, gradiência nos padrões estruturais, com maior mobilidade posicional dos participantes. Isso se deve ao fato de que, nesse período, os exemplares de $[V_{LEVE} + SN + (SN_{PRO}/SPrep)]$ ainda não se encontravam cristalizados, apresentando, por conseguinte, maior versatilidade morfossintática.

Em termos construcionais, a seqüência formada pelos verbos leves *dar, fazer, ter e tomar* + SN é um subesquema da construção de estrutura argumental transitiva, mais es-

quemática, representada como $[SN_1 + V + SN_2]$ (Bispo; Furtado da Cunha, 2022). Nessa linha, a construção $[SN_1 + V_{LEVE} + SN_2]$ agrupa propriedades compartilhadas por um amplo conjunto de expressões visto que seus elementos constituintes não são especificados. Isso quer dizer que essa construção é aberta, ou esquemática, pois pode ser preenchida por diferentes V_{LEVE} assim como por diferentes SN, tanto na posição de sujeito como de objeto.

A esquematicidade tem relação direta com outra propriedade da construção, a produtividade (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]), de modo que quanto mais esquemática é uma construção, mais produtiva ela é, na medida que pode instanciar grande número de construtos. Relativamente à composicionalidade, a construção $[SN_1 + V_{LEVE} + SN_2]$ revela baixo grau dessa propriedade, visto que, da perspectiva semântica, os elementos que compõem a sequência $[V_{LEVE} + SN]$ não podem ser interpretados isoladamente em virtude de formarem um todo de significado.

5. Colocados e formação de *chunks*

Tal como dito antes, o objetivo central deste estudo é identificar os lexemas/colocados mais frequentes com cada tipo de V_{LEVE} e verificar a possibilidade de formação de *chunks* quando se combinam esses verbos com o SN que ocupa o *slot* do OD, formando um predicador complexo. Nesse sentido, atestei uma certa preferência por determinado(s) lexema(s) para cada V_{LEVE} em cada período selecionado, conforme exhibe o Quadro 3. Foram considerados os primeiros dez colocados mais frequentes com cada verbo e o número de ocorrências de cada um deles.

Quadro 2 – Colocados mais frequentes por século

SÉCULO	DAR	FAZER	TER	TOMAR
XVIII	gosto (28) licença (19) conta (13) crédito (13) liberdade (12) ordem (11) conselho (10) exemplo (10) cuidado (10) lugar (10)	favor (31) honra (22) caso (18) justiça (14) mercê (12) diligência (10) reflexão (10) gosto (9) vaidade (9) esforço (6)	honra (34) medo (25) dó (17) razão (14) necessidade (8) gosto (9) confiança (7) dúvida (7) cuidado (6) esperança (6)	conta (10) liberdade (6) resolução (6) exemplo (3) parte (3) caminho (3) lugar (3) conselho (2) ordem (2) confiança (2)

XX	conta (20) exemplo (10) resposta (5) atenção (5) conselho (4) razão (4) trabalho (4) valor (4) liberdade (3) satisfação (3)	festa (13) compra (12) pergunta (8) besteira (8) falta (7) estágio (7) viagem (6) visita (2) favor (1) esforço (1)	medo (19) acesso (8) dúvida (5) interesse (4) preocupação (4) necessidade (3) cuidado (3) vontade (3) contato (3) raiva (2)	banho (20) conta (19) cuidado (12) consciência (3) decisão (3) coragem (2) medida (2) exemplo (1) parte (1) caminho (1)
----	--	---	--	--

Fonte: elaboração própria

A observação do Quadro 3 mostra que, no tocante às propriedades dos SN que acompanham os verbos leves nos dois séculos investigados, esses lexemas são, em sua maioria, substantivos abstratos, derivados de verbos – deverbais (*conta, cuidado, esforço*, por exemplo) ou nominalizações (*preocupação, necessidade, esperança*, entre outros). Por serem derivados de verbos, dependendo da semântica do verbo base, os colocados tendem a denotar ações e, assim, podem funcionar como núcleo do predicado, já que o V_{LEVE} está esvaziado do seu sentido pleno, básico. Essas propriedades dos SN mantêm-se relativamente equilibradas para todos os verbos leves. No nível morfológico, esse substantivo tende significativamente a não se flexionar em número, o que é um forte indicador de perda de referencialidade. Nas amostras analisadas, no século XVIII os SN no plural somam 172 (15%) dados, ao passo que no século XX esse número diminui para 97 (12%). Esses resultados confirmam a tendência de não referencialidade do “objeto direto”.

Alguns desses colocados podem ocorrer com diferentes verbos leves nos séculos investigados, com maior ou menor frequência. O Quadro 3 demonstra que tanto pode haver incremento quanto decréscimo no uso de determinado substantivo. É o que acontece, por exemplo, com *gosto*, que ocorre com todos os V_{LEVE} no século XVIII, mas não foi encontrado com nenhum deles no século XX. Evidentemente, trata-se de amostras particulares, as quais, embora amplas, não representam a língua integralmente.

Quadro 3 – Colocados que ocorrem com diferentes verbos por século

SÉCULO	DAR	FAZER	TER	TOMAR
XVIII	gosto (25)	gosto (9)	gosto (8)	gosto (1)
	conta (13)	conta (2)		conta (10)
	cuidado (10)		cuidado (6)	cuidado (1)
	exemplo (10)			exemplo (3)

XX	conta (20)	conta (1)		conta (19)
	cuidado (0)		cuidado (3)	cuidado (12)
	exemplo (10)			exemplo (1)

Fonte: elaboração própria

Quanto ao processo cognitivo de *chunking*, a combinação dos verbos leves com o SN que ocupa o *slot* do OD pode ou não constituir *chunks*, conforme o grau de integração entre o V_{LEVE} e o colocado. Tal gradiência pode ser explicada pelo subprincípio icônico de proximidade, elaborado pela LFCU (Givón, 1984). De acordo com esse princípio, os conceitos mais integrados no plano cognitivo se apresentam com maior grau de ligação morfossintática. Além disso, os atributos semânticos e morfológicos do SN que segue o V_{LEVE} , tais como a natureza abstrata, o conteúdo acional, a não referencialidade e a forma no singular também concorrem para a maior integração entre esses dois elementos.

Esses graus de integração variam em um *continuum*, a depender tanto do verbo leve e do SN quanto da sincronia focalizada. Nos dados do século XVIII nem sempre o SN segue imediatamente o verbo, podendo ser separado deste por determinante (artigo, demonstrativo ou possessivo), modificador (adjetivo ou advérbio) e/ou pronome com a função semântico-sintática de recipiente/objeto indireto. Vejamos algumas ocorrências extraídas do *corpus* Tycho Brahe:

- (11) Eu me lembro perfeitamente do último dia semelhante em que ainda tinha Pai perto de mim. *Tenho as maiores saudades dessa fortuna.*
- (12) É verdade que, *fazendo muitas vezes reflexões* quanto a esta qualidade de homens, me parecem alguns, e pode ser que sejam todos, daqueles célebres orgulhos que têm o segredo de mascarar o génio natural com o exterior duma indiferente hipocrisia.
- (13) Então, mestre! fala ou não fala? *Você já fez o seu depoimento*; agora queremos vêr como o ratifica!
- (14) El-rei Ciro, dando lugar no tróno a Ápama, esta lhe tirava a coroa da cabeça com uma mão, com a outra *dando-lhe bofetadas.*

Em (11), o lexema *saudades* está distanciado de *tenho* pelo artigo *as* e o adjetivo *maiores*; em (12), a locução adverbial *muitas vezes* separa *fazendo* de *reflexões*; em (13), entre *fez* e *depoimento* intervêm o artigo *o* e o possessivo *seu*; finalmente, em (14), o OI clítico *lhe* separa *dando* de *bofetadas*. Essas ocorrências indicam que o bloco [V_{LEVE} SN]

ainda não era produzido nem percebido como uma unidade simples, uma sequência de palavras pré-fabricada (Erman; Warren, 2000), ou seja, um *chunk*. A única exceção, nos dados, é o lexema *conta*, que, nos dois séculos examinados, sempre aparece junto ao verbo leve, seja ele *dar*, *fazer* ou *tomar*, demonstrando, dessa maneira, que o *chunk* já estava fixado. Por sua vez, no século XX, o SN se posiciona após o verbo leve, revelando o processo de construcionalização do bloco [V_{LEVE} SN]. Nesse século, a variação que mais se destaca refere-se à presença ou não de determinante (*o*, *um*) antes do substantivo e a possibilidade de flexão de alguns deles, como em:

- (15) Meu filho é muito bonito. Eu tenho o maior medo. Eu mando ele pra escola sozinho, porque não tem como eu pegá ele. Tem ... talvez até dá, dando um jeitinho. (Mineirês)
- (16) Não... eu trabalhava nesse... nesse... nessa Eco-lazer transportando as pessoas que vinha de Campo Grande para Eco-lazer. Então nisso eu ... dava aquela entradinha também... trabalhei com um grupo que toca lá também. Levava eles, buscava eles. (PEUL)
- (17) Na sua escola, assim, há festinhas? Vocês fazem festinhas? (PEUL)
- (18) Quer dizer então que quando o senhor faz uma fezinha é, Loto. (PEUL)

No século XVIII, ocorreram apenas três amostras de SN flexionado, a exemplo de:

- (19) Que gostinho lhe deram agora estas duas últimas palavras! (Tycho Brahe)
- (20) E assim não ponhas por estanque os teus favores: antes affavel, dá-me alguma amostrinha de tua inclinação. (Tycho Brahe)
- (21) Conhece Madame Charpel, a quem os males de seu marido ou os que lhe vieram por outras vias têm posto à dependura, e que parecendo a preguiça do Brasil anda sempre fazendo mesurinhas à Serpe, recuando para trás como o caranguejo. (Tycho Brahe)

Vimos que a presença ou não de elementos entre o V_{LEVE} e o SN reflete o grau de integração do *chunk*. Para verificar se houve mudança nos *chunks* do século XX em comparação aos do século XVIII, investiguei a ocorrência de determinante antes do SN nos lexemas dos dois períodos. A Tabela 2 exhibe os resultados obtidos para os SN_{NU'} aqueles que seguem imediatamente o V_{LEVE} sem material interveniente, a exemplo de (1) e (5).

Tabela 2 – Quantitativo de SN_{NU} por século e por verbo

SÉCULO	DAR	FAZER	TER	TOMAR	TOTAL
XVIII	237 (50%)	167 (46%)	123 (61%)	35 (43%)	562 (50%)
XX	169 (55%)	143 (54%)	68 (58%)	62 (70%)	442 (57%)

Fonte: elaboração própria

Conforme se pode observar na Tabela 2, à exceção do V_{LEVE} *ter*, o percentual de SN_{NU} aumenta do século XVIII para o XX, o que indica maior integração entre o V_{LEVE} e o SN e, portanto, maior fixação e convencionalização do *chunk*, ou seja, construcionalização. A convencionalização é entendida como a integração de uma inovação em uma tradição de fala ou escrita, tal como evidenciado por materiais textuais (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]). Assim, uma construção é convencional quando é compartilhada por um grupo expressivo de falantes.

A maior ou menor integração entre V_{LEVE} e SN revela a gradiência do bloco, implicando aspectos da forma, como a inserção de determinante (artigo, possessivo, demonstrativo) antes do “objeto direto”, bem como aspectos da função, envolvendo processos metafóricos e/ou metonímicos⁶. Nesse sentido, as sequências [V_{LEVE} + SN] se distribuem em um *continuum*, determinado pela proximidade entre esses dois elementos. Em oposição ao século XX, a ordenação dos lexemas em relação ao V_{LEVE} tende a ser menos rígida ou mais variável no século XVIII, indicando que os *chunks* ainda não estavam consolidados. Em outras palavras, o processo de mudança – construcionalização – ainda não se completou.

Focalizando as combinações de V_{LEVE} e SN na comparação dos dois períodos, a expectativa de que houvesse menos restrição entre o verbo leve e o tipo semântico de SN em textos do século XVIII do que nos do século XX se confirmou. Contudo, os resultados obtidos não autorizam afirmações conclusivas, uma vez que foram coletados mais dados no século XVIII (1123) do que no século XX (782), conforme a Tabela 1. Novamente, esses números podem estar relacionados à natureza dos *corpora* investigados e aos gêneros discursivos que os compõem. Por sua vez, a frequência do mesmo SN com cada verbo nos dois séculos é bastante desigual. Por exemplo: *gosto* ocorre 28 vezes com *dar* no século XVIII e nenhuma vez no século XX; *favor* tem 30 ocorrências com *fazer* no século XVIII e apenas uma no século XX; *honra* ocorre 33 vezes com *ter* no século XVIII e nenhuma vez no século XX e *banho* não registra nenhuma ocorrência com *tomar* no século XVIII, mas 20 no século XX. Por outro lado, alguns lexemas têm frequência bastante similar: *conta* com

⁶ Esses processos não serão tratados aqui por questões de espaço.

dar (13 e 20); *pergunta* com *fazer* (7 e 8); *medo* com *ter* (24 e 18) e *conta* com *tomar* (10 e 19), em que o primeiro número se refere ao século XVIII e o segundo, ao século XX. É necessário levar em conta que se trata da análise de *corpora* específicos e suas limitações, os quais, evidentemente, não correspondem à totalidade da língua.

6. Motivações discursivo-pragmáticas

Conforme posto na Introdução, alguns linguistas mencionam que os verbos-suporte e seu complemento (“objeto direto”), apresentam um significado global que, em geral, corresponde ao significado de outro verbo (Neves, 2000; Castilho, 2010; Bagno, 2011).

Outro ponto que recupera o que já foi dito anteriormente diz respeito à possibilidade de substituir o *chunk* por um verbo referencial. Se considerarmos o *chunk* em isolamento, fora do seu contexto discursivo, a sua substituição por um verbo pleno é possível em alguns casos. Assim, *dar apoio* = *apoiar*, *fazer escolha* = *escolher*, *ter acesso* = *acessar*, *tomar banho* = *banhar-se*. Contudo, em muitas situações, o significado do bloco não corresponde ao de outro verbo na língua, a exemplo de *dar licença*, *fazer confusão*, *tomar exemplo* e *ter raiva*. Isso indica que esses blocos são usados para preencher uma lacuna lexical (Neves, 1996; Castilho, 2010; Bagno, 2011), corroborando a não separação absoluta entre léxico e gramática, conforme assumido pela Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Oliveira; Rosário, 2016).

Nesse quadro, a pergunta que se coloca, nos termos de Ilari e Basso (2008), diz respeito ao próprio surgimento da sequência $[V_{LEVE} + SN]$, quando há verbos na língua que transmitem o mesmo significado de tal sequência, o que vai de encontro ao princípio de economia (Jespersen, 1940; Haiman, 1983; Givón, 1985, entre outros). De acordo com a LFCU, se duas formas apresentam conteúdos equivalentes, então elas devem ter funções discursivo-pragmáticas diferentes. Logo, a substituição do *chunk* por um verbo pleno correspondente pode ser barrada pelo próprio contexto de ocorrência deste.

A análise dos dados empíricos atestou que o bloco $[Verbo_{LEVE} + SN]$ desempenha funções discursivo-pragmáticas particulares nos contextos em que é usado (Neves, 2000; Machado Vieira, 2010; Bagno, 2011), como a qualificação (22) e (23) e a intensificação (24) e (25):

- (22) A meu ver, sobram argumentos em favor de que o Brasil dê sinais claros de interesse nessa integração. (CHAVE)

- (23) Redução de eficiência, dificuldade para tomar decisões corriqueiras, fuga de responsabilidade e troca constante de cargos ou empregos têm incidência mais elevada entre executivos com estresse. (CHAVE)
- (24) Intão cumeçô a a dispertá mai aquele dinhêro nu bolsu do que abrí um um caderno pra podê istudá ... Intão meus pais assim minha mãe num fez aquela pressão di fazê o valor dus istudus maior do que o valor di querer já u u dinhêro né (Mineirês)
- (25) A Cielge, uma pequena empreiteira de São Paulo, tinha tanta certeza que seria vencedora em uma licitação da CPFL (Companhia Paulista de Força e Luz) (CHAVE)

O uso de *dê sinais* em (22) e *tomar decisões* em (23) oportuniza a qualificação do SN (*sinais claros* e *decisões corriqueiras*, respectivamente), e não do evento em si. De modo semelhante, a opção pelo *chunk fazer pressão* em (24) e *ter certeza* em (25) possibilita a intensificação do SN (*aquela pressão* e *tanta certeza*, respectivamente), em vez de intensificar o próprio evento.

Conforme exposto anteriormente com relação às amostras (15-21), o SN após o V_{LEVE} pode expressar um significado especial (diminutivo) que o emprego do verbo pleno correspondente não permitiria:

(15) Meu filho é muito bonito. Eu tenho o maior medo. Eu mando ele pra escola sozinho, porque não tem como eu pegá ele. Tem ... talvez até dá, *dando um jeitinho*. (Mineirês)

(21) Conhece Madame Charpel, a quem os males de seu marido ou os que lhe vieram por outras vias têm posto à dependura, e que parecendo a preguiça do Brasil anda sempre *fazendo mesurinhas à Serpe, recuando para trás como o caranguejo*. (Tycho Brahe)

Em (15) e (21), o grau diminutivo do SN (*jeitinho* e *mesurinhas*) não alude ao tamanho ou dimensão do jeito ou do comprimento; em vez disso, confere um valor depreciativo (para “menos”) a um estado de coisas considerado negativo (Silva, 2014). Nesse sentido, “dar um jeitinho” designa um modo astucioso de resolver as coisas, em geral burlando as convenções, o famoso e pejorativo “jeitinho brasileiro”.

O *chunk* também pode ser empregado para expressar o valor reiterativo do evento, especialmente quando o SN está flexionado no plural, como em:

- (26) A secretária estadual de Planejamento, Maria Eugênia Rio, disse que o atraso foi provocado pelos feriados bancários do final de 93. O secretário estadual do Trabalho, Roberto Corrêa, acha que o Estado pode compensar o atraso dando descontos em contas de água e luz.

O bloco [V_{LEVE} + SN] pode ainda concorrer para a coesão textual, quando o falante se refere ao SN (*uma facada*, em (27), e *a avaliação*, em (28)) por meio de um pronome relativo que introduz uma oração com o verbo leve, conforme se vê em:

- (27) (O falante começa a mostrar marcas pelo corpo ao falar.) Isso aqui foi foi uma ... uma facada que eu tomei no baile. (Mineirês)
- (28) A boa notícia: a pesquisa, de certa forma, confirma a avaliação que Sarney tem feito de que é o melhor candidato para enfrentar Lula num eventual segundo turno. (Chave)

Por conseguinte, ao empregar a sequência [V_{LEVE} + SN], o falante/escrevente atribui ao texto algum efeito especial, conforme os excertos apresentados anteriormente o demonstram. Em (29), por exemplo, a substituição de eu fiz até algumas tentativas de caminhar por eu até tentei caminhar acarretaria ao período alguma perda no nível semântico-pragmático.

- (29) Eu fiz até algumas tentativas de caminhar porque eu gosto de caminhar pela manhã pela redondeza, mas é absolutamente impossível, impossível não, é desagradável, não é?

As amostras analisadas revelam que o uso de *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar* leves + SN, quer haja ou não um verbo pleno correspondente na língua, propicia não apenas o acréscimo de outros elementos (modificadores, intensificadores) ao SN, mas também a atribuição de um significado especial (valor depreciativo e reiterativo) ao evento ou estado de coisas que a oração descreve. Nesse viés, além de um incremento semântico que encarece o significado da sequência formada com o verbo leve, tal sequência desempenha funções discursivo-pragmáticas específicas.

7. Discussão

Orientado pela Linguística Funcional Centrada no Uso, de viés construcionista, este artigo analisou a construção formada com os verbos leves *dar, fazer, ter e tomar* + SN com o objetivo de observar os processos de variação e mudança por que passam esses verbos e seus colocados em duas sincronias – séculos XVIII e XX – com base em instâncias reais de gramática em uso.

Os resultados obtidos podem ser examinados tanto em um eixo horizontal, que dá conta da variação, quanto em um eixo vertical, que contempla a mudança. Os dados analisados possibilitaram a constatação de que a sequência $[V_{LEVE} + SN]$ apresenta variação dentro de cada sincronia (século XVIII e século XX) e entre as sincronias observadas, exemplificando o conceito de camadas ou *layering* (Hopper, 1991), em que novas formas emergem no uso linguístico e passam a competir com outras mais antigas, de sentido aproximado. No eixo horizontal, foi observada, nos dois séculos, variação (i) no número de participantes dos verbos, que alternam entre uma configuração biargumental ou triargumental; (ii) na posição (*slot*) que tais participantes podem ocupar, refletindo o grau de integração entre o verbo e seu “objeto direto”, o que indica gradiência nos padrões estruturais e maleabilidade posicional dos argumentos, estreitamente relacionadas à formação de *chunks*; (iii) nos próprios *chunks* quando se considera cada sincronia. Esses *chunks* que variam estão em sintonia com a ideia de aloconstruções (Capelle, 2006; Furtado da Cunha, 2022), ou seja, realizações estruturais variantes de uma mesma construção que é não especificada. No século XX, as combinações $[Verbo_{LEVE} + SN]$ são recorrentes no uso discursivo da língua, formando uma unidade de pareamento forma-função – uma construção – relativamente rígida em termos posicionais e lexicais – um *chunk*.

Por seu turno, no eixo diacrônico houve mudanças construcionais em termos de (i) posicionamento pós-verbal do SN em relação ao V_{LEVE} no século XX, o que demonstra maior integração do bloco, com aumento do número de SN_{NU} ; (ii) maior restrição entre o V_{LEVE} e o tipo semântico-morfológico de colocado no século XX; (iii) ordenação dos SN que coocorrem com os verbos leves.

Em comum, nos dois séculos o SN tende a ser um substantivo abstrato, derivado de verbo (deverbal ou nominalização) e sua não referencialidade se reflete na ausência de flexão de número na maioria deles. Além disso o uso da sequência $[V_{LEVE} + SN]$ atende a motivações discursivo-pragmáticas, avançando da casualidade do discurso para a regulação gramatical.

Algumas questões permanecem em aberto, tais como:

- (i) A sequência [V_{LEVE} + SN] representa uma única construção ou um conjunto de construções, tendo em vista que o verbo leve pode variar?
- (ii) Que tipos de construção de estrutura argumental – transitiva, ditransitiva e intransitiva – o arranjo [V_{LEVE} + SN] pode codificar?
- (iii) Que *links* relacionais – polissêmicos e metafóricos – estão implicados nos variados usos dos verbos leves *dar, fazer, ter e tomar*?

Essas questões serão abordadas em trabalho futuro.

Referências

- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BARROS, J. de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu [m], Typographum, 1540.
- BASILIO, M. M. Construções morfológicas e construções lexicais: expressões V SN com DAR e FAZER. In: *Anais do Congresso de Letras da UERJ*. Rio de Janeiro: Botelho Editora, p. 1-19, 2007.
- BISPO, E. B.; FURTADO DA CUNHA, M. A. “Não tomar partido é tomar partido”: chunks e ensino de língua portuguesa. In: OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. (orgs.). *Discurso e gramática: entrelaces e perspectivas*. Curitiba: CRV, 2022. p. 137-158.
- BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.
- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for ‘allostructions’. In: SCHÖNEFELD, Doris. *Constructions all over: Case studies and theoretical implications*, 2006.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAFE, W. *Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA LACERDA, P. F. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Volume especial, p. 83-101, 2016.

DU BOIS, J. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-366.

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. *Text-Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*, v. 20, n. 1, p. 29-62, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Emergência e convencionalização da construção V LEVE (DAR, FAZER) + SN. *Revista do GEL*, v. 19, n. 3, 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, v. 15, n. 1, p. 49-74, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R. Transitividade: do verbo à construção. *Revista Linguística*, n. 1, v. 14, p. 48-64, 2018.

GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012 [1979].

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 187-218.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. New York: Academic Press, 1984.

GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

- HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. *Language*, v. 59, p. 781-819, 1983.
- HOPPER, P. Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society*, v. 13, p. 139-157, 1987.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*, v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, v. 2. Campinas: Unicamp, 2008, p. 163-365.
- JESPERSEN, O. *A modern English grammar on historical principles*. London: Allen and Unwin, 1940.
- MACHADO VIEIRA, M. Perífrases verbo-nominais. *Estudos Linguísticos*, v. 1, p. 409-429, 2010.
- NEVES, M. H. de M. Estudo das construções com verbo-suporte. In: KATO, M. (org.). *Gramática do português falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP, 1996, p. 119-54.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, v. 60, n. 2, p. 233-260, 2016.
- ÖSTMAN, J-O; FRIED M. (eds.). *Construction grammars: Cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.
- SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- SILVA, J. R. *O grau em perspectiva*. São Paulo: Cortez, 2014.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

